

DIÁLOGOS ENTRE MILTON SANTOS E CELSO FURTADO: UMA APROXIMAÇÃO DE PENSADORES DO BRASIL¹

Eduardo Marcusso
UNESP/Campus Rio Claro
e.marcusso@gmail.com

“O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização.”
Milton Santos

Resumo

Neste estudo buscamos romper com o pensamento isolado dentro de geografia conversando com outras ciências sociais, no caso, aqui, a ciência econômica. Essa nossa proposta procura uma aproximação uma aproximação das idéias de Milton Santos e Celso Furtado, sendo um diálogo entre dois pensadores do Brasil. Passaremos pela discussão da globalização como pano de fundo da discussão, e em Milton Santos destacamos a teorização do meio técnico-ciêntífico-informacional, colocando em paralelo com a teorização sobre o desenvolvimento de Celso Furtado. Esse esforço teórico está no caminho das abordagens interdisciplinares.

Palavras-Chave: Interdisciplinaridade; Milton Santos; Meio Técnico-Ciêntífico-Informacional; Celso Furtado; Desenvolvimento

Contextualização da idéia central do trabalho

A idéia central que se lança neste estudo é de buscar uma aproximação das idéias de Milton Santos e Celso Furtado, sendo um diálogo entre dois pensadores do Brasil,

¹ Eixo Temático - Pensamento Social Brasileiro e Geografia

pensadores da realidade nacional, sem divagações por abstrações cegas, são visões clara da situação do país.

A temática diferente desse trabalho vem ao encontro do objetivo do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico (II ENHPG), o caráter interdisciplinar dentro do campo da geografia, estreitando o contato dessa disciplina com as demais ciências sociais e estabelecer um diálogo em torno de algumas questões comuns às várias disciplinas citadas, rompendo certo isolamento epistemológico tão presente na trajetória da geografia; revigorando-a, pois, como disciplina científica.

Com efeito, nossa proposta caminha nesse sentido buscando explorar resultados parciais de uma pesquisa na história não só do pensamento geográfica, com a contribuição de Milton Santos, mas também do pensamento das ciências sociais, especificamente da área das ciências econômicas, aqui com a contribuição de Celso Furtado. Encontramos, também, que os resultados obtidos em nossa proposta está em conformidade com o eixo temático pensamento social brasileiro e geografia.

O pano de fundo que irá conduzir essa pesquisa será o processo de evolução do capitalismo, tendo a globalização como condutora dessa evolução. E para tanto vamos nos voltar para uma breve discussão da globalização para depois desenrolar a idéia central do trabalho.

A discussão sobre globalização² é vastíssima, não cabe aqui remontá-la, apenas pontuar algumas reflexões que forneceram subsídios para este estudo³. Para Georges Benko (1996) a gênese da globalização, apesar da aparência contemporânea, começa a se constituir por volta dos séculos XV e XVI na Europa (VILAS, 1999), juntamente com o aparecimento dos Estados-Nação, que forneceu as bases necessárias para que se estabelecesse um verdadeiro comércio unificado mundialmente. Apesar de que a maior evolução desse processo se dá evidentemente após a segunda guerra mundial (HOBSBAWM, 1995)

² “O termo globalização, nascido no âmbito do discurso jornalístico de teor econômico, tornou-se palavra da moda, e passou a ser utilizado de modo generalizado no discurso teórico de diversos campos do conhecimento. Pode-se dizer, com alguma ironia, que o que mais se globalizou foi a adoção deste termo para indicar a disseminação em escala planetária de processos gerais concernentes às relações de trabalho, difusão de informações e uniformização cultural.” (HAESBAERT, 1999, p.9)

³ Para uma discussão profunda sobre globalização consultar. IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Muitos autores declaravam, com a globalização o fim da geografia, como O'Brien, o fim da história, como Fukuyama, o fim do trabalho, como Rifkin, o fim dos territórios, como Badie, ou ainda o fim dos Estados-Nação como Ohmae. (BENKO, 2001). Porém o que se verificou foi o contrário de todos estes prognósticos. A valorização dos territórios veio como resposta ao movimento da globalização, o que se viu foi não a homogeneização dos territórios, mas sim sua especificidade. Nesta visão temos a obra de Milton Santos (2000) *“Por uma outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal”*.

Chesnais (1996) define a “globalização” como um termo vago, que pode ser mais bem apropriado pela idéia de “mundialização”. A mundialização incorpora a idéia de que a economia se mundializou por conta da estratégia dos grandes grupos industriais na busca de lugares com condições de gerar lucros e viabilizar fluxos comerciais e, também, por conta da globalização financeira, que fez explodir o mercado de ações baseado em fundos de investimento e de pensão gerenciados por poderosos bancos.

Benko (2001) considera que ocorre atualmente um “deslizamento de escala”, ou seja, um reforço das escalas global-supranacional e local-regional por meio da recomposição dos espaços clássicos de evolução dos sistemas econômicos, sociais e políticos do século XX, geralmente associados ao âmbito regulatório dos Estados-nação. Desse modo, os Estados continuam tendo função crucial em muitas áreas sociais (educação, saúde, obras públicas) e políticas, mas tem seu papel redefinido na economia quando espremido entre as dimensões local e global.

Dessa forma podemos ver que a globalização reestrutura a organização do espaço, e é com essa idéia que vamos passar para outra seção do trabalho tendo em vista que a globalização está sempre atrelada às discussões que se seguiram.

A partir da essência que a epígrafe desse estudo passa é que podemos dar conexão entre esta inicial contextualização da idéia central do estudo e a próxima discussão sobre as idéias de Milton Santos que serão mais adiante conciliadas às de Celso Furtado.

Os dizeres de Milton Santos sobre o meio técnico-científico-informacional

O professor Milton desenvolve sua idéia sobre meio técnico-científico-informacional atrelando-a com a história do meio geográfico, e dividindo-o como, meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional⁴ (SANTOS, 1999).

O meio natural se volta aos primórdios da humanidade, quando tudo era natural e o homem apenas escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida. Também chamado de meio pré-técnico, porque, as domesticações das plantas e dos animais aparecem como leis impostas à natureza, o que também é técnica.

Além desses aspectos a harmonia socioespacial assim estabelecida era desse modo, respeitosa da natureza herdada, no processo de criação de uma nova natureza. Produzindo-a, a sociedade territorial produzia, também, uma série de comportamentos, cuja razão é a preservação e a continuidade do meio de vida.

Pode-se ver, dessa forma, que além do meio natural apresentar um caráter harmonioso de instrumentalização da natureza ele também possui outro caráter, este mais abstrato, de concepção do meio natural como um meio sociabilidade.

Já, a partir, do século XVIII, com o encaminhamento da revolução industrial, o período das técnicas vem dominando a racionalidade do homem, este é o meio técnico. Foi a superação das forças naturais, nesta etapa um novo tempo se cria, um tempo diferente do tempo natural, a rotina do trabalho altera profundamente o padrão de vida da população que se viu condicionada pelo trabalho.

Este fenômeno pode ser considerado como a mecanização do território, processo este que se instala em todas as partes do mundo, fica restrito a espaços que possuem os artifícios de sua sustentação, como as máquinas, a matéria prima, a força de trabalho, entre outros.

Desse modo os territórios se distinguem pela forma de tecnificação que o compõe, tanto que seus efeitos estavam longe de ser generalizados, como a visão desses efeitos era, igualmente, limitada.

O meio técnico-científico-informacional se dá a partir da segunda guerra mundial, com os avanços nas pesquisas das técnicas que neste momento estava aplicada para

⁴ O detalhamento dessas categorias foi embasado no livro “*A natureza do espaço*” de Milton Santos entre as páginas 187-197.

o esforço de guerra, e todo avanço dessas pesquisas se volta à sociedade no pós-guerra e se concretiza após a década de 1970⁵.

Neste período o fator que se destaca e diferencia dos outros é a forte relação que se estabelece entre a ciência e a técnica, relação esta que vai dar-se sob a égide do mercado. E justamente por essa interação que o mercado pode atingir o status de mercado global, criando uma lógica de pensamento que vai permear as relações em sociedade.

A informação entra neste momento como aliada à técnica, uma vez que, a produção e a localização das técnicas vêm acompanhadas de extrema intencionalidade, o que pro si só pode ser considerada como informação. Além disso, o motor pulsante da técnica é a informação, a quem deve o seu funcionamento.

Neste momento não é mais o meio técnico que governa a forma de organização social, mas um meio mais abrangente, um meio que através da tecnologia⁶, ciência e informação constituem a base de produção, da utilização e do funcionamento do espaço. Este é o meio técnico-científico-informacional.

Nesta constante evolução do meio, podemos dizer que “a natureza deixou de ser parte significativa do nosso meio ambiente” (GELLNER, 1989 apud SANTOS, 1999, p.10), sendo a superposição do meio técnico-científico-informacional para com o meio natural.

O meio geográfico que dissemos no início dessa seção, pelo fato de ser técnico-científico-informacional, tende a ser universal. Mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização.

Os objetos desse meio, desse espaço estão dotados de técnicas, uns mais outros menos, mais todos estão em um processo estrito de racionalização e instrumentalização dos territórios e das atividades produtivas, tudo com finalidade única de tornar o sistema econômico mais eficiente.

⁵ Nesta época ocorreu uma reestruturação das bases capitalistas de produção, deixando para trás o modelo fordista de produção em massa que entra em crise por uma crise interna do modelo de produção acompanhada por uma explosão salarial ocorrida no período, o colapso do sistema financeiro internacional de Bretton Woods em 1971, o *boom* de produção de 1972-3 e a crise da OPEP de 1973 (HOBSBAWM, 1995) e adotando um sistema produtivo flexível, que promove a reestruturação das empresas e também dos espaços, mudando as forma de trabalho, produção, distribuição e também de consumo (BENKO, 1996, CASTELLS, 1999, HARVEY, 2001).

⁶ Aqui podemos entender técnicas como tecnologia.

Podendo se dizer em outras palavras, quanto mais "tecnicamente" contemporâneos são os objetos, mais eles se subordinam às lógicas globais, ou seja, os territórios e os objetos constitutivos deste estão nas mãos dos agentes hegemônicos, que nada mais são que os agentes mais proeminentes da economia e da política que detêm o poder de construção e uso dos sistemas técnicos modernos que dinamizam desta forma o território usado para a produção. (SANTOS, 2000).

Os dizeres de Celso Furtado sobre o desenvolvimento

A idéia de desenvolvimento começa a ser explorada por Celso Furtado quando de sua participação na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), onde teve contato com o pensamento de Raúl Prebisch, então presidente da comissão, que escreverá “El Desarrollo Económico de América Latina e Algunos de sus Principales Problemas” que é considerado um manifesto antiliberal que dá novo horizonte para as políticas latino-americanas. É uma denuncia das conseqüências catastróficas do livre comércio para os países subdesenvolvidos e uma ardente defesa de um novo modelo intervencionista de organização governamental na América Latina, além, também, de traça abordagem diferente da relação centro-periferia. (MANTEGA, 1989)

Dentro dessa nova perspectiva, Furtado (2000, p. 22), explora o conceito atribuindo-o basicamente duas dimensões, existindo ainda uma terceira, que segundo ele seria menos explícita. A primeira dimensão, em síntese, estaria relacionada ao incremento da eficácia do sistema social de produção, a segunda na satisfação das necessidades básicas humanas e a terceira na consecução dos objetivos a que almejam grupos dominantes de uma sociedade e que competem na utilização dos recursos escassos. Segundo ele, essa terceira dimensão seria a mais ambígua de todas, chegando a ser percebida apenas no discurso ideológico, concluindo que:

[...] a concepção de desenvolvimento de uma sociedade não é alheia a sua estrutura social, e tampouco a formulação de uma política de desenvolvimento e sua implantação são concebíveis sem preparação ideológica. (FURTADO, 2000, p. 22).

Apesar da noção de desenvolvimento estar diretamente associada à questão do crescimento econômico, o conceito do primeiro, para, ao entendimento de Furtado (1974, p. 21), sob dois sentidos distintos, dizendo respeito primeiramente à evolução de um sistema social de produção à medida que este, mediante a acumulação e o progresso das técnicas, torna-se mais eficaz, ou seja, eleva a produtividade do conjunto de sua força de trabalho. Em segundo, o conceito se relacionaria com o grau de satisfação das necessidades humanas, com aumento de ambigüidade nesse caso, a não ser quando se tratasse de necessidades básicas, como a de alimentação e habitação, por exemplo. O autor ainda revela uma terceira dimensão, além da idéia do incremento da eficácia do sistema social de produção e da satisfação de necessidades básicas da população, que seria a da consecução de objetivos que almejam grupos dominantes de uma sociedade e que competem na utilização de recursos escassos. (FURTADO, 1974, p. 22).

Não podemos, contudo, atrelar a idéia de desenvolvimento diretamente atrelado a questão do crescimento econômico⁷, mas sim numa das condicionantes desse processo e não somente a única das questões nele envolvidas. Assim, o crescimento econômico, situado na questão do aumento da eficácia de produção, segundo Furtado (1974, p. 22), não teria condição suficiente para indicar se determinado local é ou não desenvolvido, assim ele esclarece:

O aumento da eficácia do sistema de produção – comumente apresentada como indicador principal do desenvolvimento – não é condição suficiente para que sejam mais bem satisfeitas as necessidades elementares da população. Tem-se mesmo observado a degradação das condições de vida de uma massa populacional como conseqüência da introdução de técnicas mais sofisticadas. Por outro lado, o aumento da disponibilidade de recursos e a elevação dos padrões de vida podem ocorrer na ausência de modificação nos processos; por exemplo, quando aumenta a pressão sobre as reservas de recursos não reprodutíveis. (FURTADO, 1974, p.22).

⁷ “Com efeito, o subdesenvolvimento é um processo histórico autônomo. Não é uma etapa pela qual passaram as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. É uma forma perversa de crescimento.” (FURTADO, 2002)

Assim, tomando a idéia sintetizada de Furtado (1992, p. 39) sobre a teoria de desenvolvimento, temos que as teorias do desenvolvimento são esquemas explicativos dos processos sociais em que a assimilação de novas técnicas e o conseqüente aumento da produtividade conduzem a melhoria do bem estar de uma população com crescente homogeneização social.”

Todavia, a forma como essa homogeneização se deu nos países desenvolvidos não foi contemporânea ao início da industrialização capitalista, tão pouco se assemelha aos casos dos países subdesenvolvidos

[...] Em certos países de industrialização tardia no século XIX, a fase inicial de forte acumulação e concentração de renda deu-se sob a tutela do Estado. Mas isso não obstou que em fase subsequente se manifestasse a tendência à redução das desigualdades sociais. (FURTADO, 1992, p. 39).

O dinamismo da economia capitalista derivou, assim, da interação de dois processos: de um lado, a inovação técnica, a qual se traduzem, elevação da produtividade, e em redução da demanda de mão-de-obra , de outro lado, a expansão do mercado, que cresce junto com a massa dos salários. O peso do primeiro desses fatores (a inovação técnica) depende da ação dos empresários em seus esforços de maximização de lucros, ao passo que o peso do segundo fator (a expansão do mercado) reflete a pressão das forças sociais que lutam pela elevação de seus salários. (FURTADO, 2002).

Das possibilidades de aproximação das idéias Miltonsantistas e Celsofurtianas

Após a explanação das idéias dos pensadores, vamos fazer um esforço teórico para buscar conciliá-las. No tocante de Milton Santos podemos ver claramente a importância que as técnicas tomam neste momento de globalização, para este autor (1999, p.9) o fenômeno técnico está na raiz das transformações atuais.

É o progresso das técnicas que vai direcionar a evolução da globalização, esta, indissociável, é claro da ciência e da informação, formando o chamado meio técnico-científico-informacional.

Neste momento podemos buscar a associação proposta no início do estudo. Quando Celso Furtado fala da primeira dimensão do conceito de desenvolvimento, é enfatiza o incremento da eficácia do sistema social de produção (1974), o que nada mais é que a inovação técnica, a qual se traduzem, elevação da produtividade, e em redução da demanda de mão-de-obra (2002). Sendo assim o elo entre as idéias dos pensadores já possui um caminho, é o reconhecimento dado pelos dois autores da importância da evolução das técnicas no processo de globalização.

A idéia de técnica é amplamente difundida na obra de Milton Santos, a diferença que se faz na obra de Celso Furtado é que essa idéia vem cunhada de tecnologia, de progresso tecnológico. Porém o próprio Milton Santos fala de técnicas como tecnologia, quando ele detalha a passagem do meio natural para o meio técnico-científico informacional.

Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e à técnica, torna-se um mercado global. A idéia de ciência, a idéia de tecnologia e a idéia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente. (SANTOS, 1996, p.190).

Este, então, pode ser considerado o momento de encontro dos dois autores a forma que os dois autores concordam com o papel decisivo da evolução das técnicas para o desenvolvimento capitalista.

Como outra aproximação entre Milton e Celso, apresenta-se a noção de estratégias de desenvolvimento que se assenta em diferentes lógicas e interesses que conformam uma rede de relações determinantes na conformação dos lugares, de orientação global ou local.

Santos (2002, p. 96) fala em lógicas exógena e endógena; a primeira situada no âmbito dos interesses corporativos globais, transnacionais e a última no âmbito da identidade, do fato e do sentimento “de pertencer àquilo que nos pertence”. Sob a primeira, Furtado acredita ser as estratégias funcionais ao capitalismo global (FURTADO, 2000), transformando economias nacionais, especialmente a dos países em desenvolvimento, em províncias da economia global, numa clara exacerbação da dimensão econômica e instrumental da noção de desenvolvimento. Sob a última, constroem-se políticas que resgatam especificidades e

expandem a noção de desenvolvimento para a dimensão cultural, isto é, para “os valores das coletividades, os sistemas simbólicos que constituem a cultura” (FURTADO, 2000, p. 70).

São desses valores culturais apontados por Milton Santos e Celso Furtado que podemos caminhar para a conclusão do trabalho, para uma visão aberta das possibilidades de ação no regime econômico global que estamos inseridos atualmente.

Considerações Finais

Como dissemos anteriormente, o pano de fundo dessa pesquisa é a globalização, retomando-a, brevemente, vejamos a contribuição de Jürgen Habermas, quando pensa sobre a modernidade que vivemos, vivemos um “projeto da modernidade”, originalmente fundado na busca do progresso para emancipação do homem (HABERMAS, 2002).

Esse projeto de modernidade se alia à globalização conduzindo que a emancipação de alguns homens seja a condenação dos outros, é a face perversa da globalização (SANTOS, 2000), é a instituição do subdesenvolvimento, Porém essas estruturas podem ser desfeitas.

O fato de que as estruturas que [...] conformam [o subdesenvolvimento] se hajam reproduzido no decorrer de décadas não nos autoriza a prever sua permanência futura. Mas podemos afirmar que a tendência dominante é no sentido de sua reprodução. Nesse caso, a teoria explicativa capacita os agentes sociais pertinentes a escapar do fatalismo da chamada necessidade histórica. (FURTADO, 1992, p. 12).

Diante da condição do mundo atual, as condições materiais já estão dadas para que se imponha a desejada grande mutação, mas seu destino vai depender de como disponibilidades e possibilidades serão aproveitadas pela política. A globalização atual não é irreversível.

Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras

classes obesas; o indivíduo liberado partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único. Os pobres não se entregam e descobrem a cada dia formas inéditas de trabalho e de luta; a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia. (SANTOS, 2000, p. 142)

Finalmente, é preciso enfatizar que o breve espaço de um artigo certamente não é suficiente para explorar a riqueza do pensamento e da obra de Celso Furtado e Milton Santos⁸ mas, como inspiração, conduz a novas dúvidas, essenciais para a ampliação do esforço de compreensão da realidade social em que estamos inseridos e para a qual cabe nossa contribuição.

Referências Bibliográficas

BENKO, Georges. *Economia, Espaço e Globalização na Aurora do Século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BENKO, Georges. *A recomposição dos espaços*. Revista Internacional de Desenvolvimento Local – Interações. Vol.1 (2), 7-12. março, 2001.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. *Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico – estrutural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Brasil: a construção interrompida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Metamorfoses do Capitalismo*. Discurso proferido no ato de sua titulação de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

Disponível em: <http://www.redcelsofurtado.edu.mx>, acesso em: 22/06/09.

⁸ Mesmo os autores se consideravam entre si, "Conheci o Milton na Europa, no exílio, depois do golpe de 64. Era uma pessoa modesta, muito simples, e só aos poucos fui percebendo a grandeza de seu pensamento. Não era apenas um cientista social, era um homem de pensamento muito rico e abrangente. Nunca tinha visto um geógrafo com tamanha amplitude de vista e percepção dos problemas maiores da sociedade" Celso, quando da morte de Milton.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HAESBAERT, Rogério. *O território em tempos de globalização*. Revista GeoUERJ. Vol. 3 (5), 7-20. 1º semestre de 1999.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2001

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos, O Breve Século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

MANTEGA, Guido. *Celso Furtado e o pensamento econômico Brasileiro*. Revista de economia política. Vol. 9 (4), 29-37, outubro-dezembro, 1989.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996,

_____. *Modo de produção técnico científico e diferenciação espacial*. Revista Território. Vol. 4 (6), 5-20. janeiro-junho. 1999.

VILAS, Carlos. *Seis Idéias falsas sobre a Globalização*. Estudos de Sociologia, Vol. 3, (6): 21-61, 1999.